

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

Faculdade de Economia, Administração, Contábeis e Atuariais

Curso de Administração

Enzo Peloso

**Assessoria de Investimentos no Século XXI: Tendências Emergentes e  
Impacto na Gestão Financeira**

São Paulo - SP

2024

Enzo Peloso

**Assessoria de Investimentos no Século XXI: Tendências Emergentes e  
Impacto na Gestão Financeira**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso  
de Administração da Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo – PUC-SP, orientado pelo Prof. Dr.  
Eduardo Fernandes P. Moreira

São Paulo - SP

2024

## **Resumo Executivo**

Este trabalho analisa as transformações no mercado de assessoria de investimentos no Brasil, com foco na evolução do papel do assessor, o impacto da digitalização, o crescimento do número de investidores pessoa física, e as tendências emergentes, como ESG (Ambiental, Social e Governança) e criptomoedas. A pesquisa utilizou entrevistas qualitativas com profissionais experientes do mercado financeiro, incluindo assessores, operadores de renda variável e gestores, para compreender os desafios e oportunidades do setor. Os resultados indicaram que o assessor de investimentos evoluiu de um papel transacional para uma função consultiva, com ênfase na personalização e na construção de relações de confiança. A digitalização foi identificada como um dos principais fatores de democratização do mercado, ampliando o acesso a produtos financeiros, mas também aumentando as expectativas por respostas rápidas e atendimento proativo. As tendências de ESG e criptomoedas foram consideradas promissoras, mas desafiadoras, especialmente devido à falta de regulamentação e à volatilidade. Além disso, a diversificação de portfólios foi destacada como essencial, mas a abordagem deve ser personalizada para alinhar os objetivos do cliente ao perfil de risco. O estudo conclui que a constante evolução tecnológica, combinada com a educação financeira dos investidores, é um fator chave para o crescimento sustentável do setor, exigindo dos profissionais uma atualização contínua para atender às novas demandas do mercado.

### **Palavras-chave:**

Assessoria de Investimentos, Digitalização Financeira, Tendências Emergentes

## SUMÁRIO

### Sumário

Resumo Executivo .....	3
SUMÁRIO .....	4
Introdução: .....	5
Capítulo 1: Fundamentos Teóricos sobre Tendências Emergentes em Assessoria de Investimentos.....	8
1.1 Investimento Sustentável.....	8
1.2 Teoria dos Mercados Eficientes: .....	9
1.3 Economia Comportamental: .....	11
1.4 Criptomoedas e Tecnologia Blockchain:.....	12
1.5 Teorias de Portfolio e Diversificação: .....	14
Capítulo 2 : Impacto da Digitalização nos Serviços Financeiros .....	16
2.1 Bancos Digitais e Fintechs .....	16
2.2 Automação e Inteligência Artificial no Setor Financeiro.....	17
2.3 O Papel do <i>Big Data</i> e da Análise de Dados.....	18
2.4 Desafios e Oportunidades da Digitalização .....	18
Capítulo 3 : O Setor Financeiro no Brasil: Origem, Evolução e Crescimento das <i>Assets</i> .....	20
3.1 Origem do Setor Financeiro no Brasil .....	20
3.2 A Modernização e Expansão do Sistema Financeiro Brasileiro .....	20
3.3 O Crescimento das <i>Assets</i> no Brasil.....	21
3.4 O Papel das <i>Assets</i> no Desenvolvimento do Mercado de Capitais Brasileiro.....	22
3.5 O Futuro das <i>Assets</i> no Brasil .....	22
CAPÍTULO 4: Evolução e Desafios da Assessoria de Investimentos no Brasil.....	24
4.1 Evolução do papel do assessor de investimentos .....	25
4.2 Impacto da digitalização no setor.....	26
4.3 Crescimento do número de pessoas físicas no mercado financeiro .....	26
4.4 ESG e criptomoedas: tendências emergentes.....	27
4.5 O desafio da diversificação e gestão de ativos .....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
ANEXO I: Perguntas Base Para as Entrevistas .....	33
ANEXO II : Transcrição das Entrevistas Realizadas.....	35

## **Introdução:**

O mercado financeiro vem passando por transformações significativas nas últimas décadas, e a assessoria de investimentos destaca-se como um dos segmentos mais impactados por essas mudanças. A incorporação de novas tecnologias, o aumento do interesse por práticas sustentáveis e éticas, e as crescentes demandas por transparência e personalização no atendimento ao cliente são apenas alguns dos fatores que redefinem o papel do assessor financeiro no século XXI. Este trabalho tem como objetivo investigar essas transformações, destacando as tendências emergentes que moldam o setor e seu impacto na gestão financeira.

A escolha do tema deste trabalho foi um processo que reflete não apenas meu interesse acadêmico, mas também minhas vivências e experiências profissionais no mercado financeiro. Desde o início da graduação, observei com curiosidade as transformações aceleradas que o setor atravessa. A assessoria de investimentos, em particular, sempre me chamou a atenção por sua relevância no planejamento financeiro das pessoas e pelo impacto que tem na realização de seus objetivos. Essa inquietação ganhou força ao longo do curso, especialmente quando comecei a trabalhar na área, o que me deu a oportunidade de vivenciar na prática as complexidades e os desafios desse mercado.

Inicialmente, minha intenção com este trabalho era mapear as principais tendências que moldam o setor de assessoria de investimentos, buscando compreender como os avanços tecnológicos, a digitalização dos serviços e o crescimento do interesse em práticas sustentáveis estão alterando o comportamento dos investidores e, conseqüentemente, o papel do assessor. A ideia era explorar essas mudanças com o objetivo de identificar como os profissionais podem se adaptar e inovar para atender às novas demandas. Mais do que isso, eu queria trazer uma contribuição prática: uma análise que fosse útil para outros profissionais do mercado e para investidores que buscam um planejamento financeiro mais eficiente e estratégico.

Ao longo do processo de pesquisa e escrita, percebi que o tema é ainda mais desafiador e instigante do que eu havia previsto. As tendências emergentes, como a incorporação de critérios *ESG* (ambientais, sociais e de governança) nas decisões de investimento, a ascensão das criptomoedas e da tecnologia *blockchain*, e as implicações da economia comportamental, revelaram-se pilares fundamentais para a compreensão do cenário atual e futuro da assessoria financeira. Essas descobertas não apenas confirmaram a relevância da escolha do tema, mas também me fizeram repensar algumas premissas e ampliar o escopo da análise.

Este trabalho, portanto, é resultado de um caminho que começou com uma ideia simples, mas que evoluiu para uma reflexão mais profunda sobre o papel transformador do assessor de investimentos. Acredito que ele cumpre sua justificativa ao abordar um tema de grande relevância acadêmica e prática, contribuindo para o entendimento das mudanças que afetam não apenas o mercado financeiro, mas também a vida de milhões de investidores que buscam

alcançar seus objetivos por meio de um planejamento adequado e alinhado com os valores do século XXI.

Ao finalizar esta jornada, chego a um resultado que vai além do que eu havia inicialmente imaginado. Este trabalho não apenas atende às exigências acadêmicas, mas também se consolida como um exercício de reflexão e aprendizado, trazendo *insights* relevantes sobre o futuro da profissão e do mercado em que atuo. Assim, espero que esta pesquisa possa contribuir para debates mais amplos e para a construção de um mercado financeiro mais inovador, ético e inclusivo.

Este trabalho aborda as transformações no setor de assessoria de investimentos no século XXI, explorando as tendências emergentes e seus impactos na gestão financeira. A pesquisa está organizada em quatro capítulos que analisam aspectos teóricos, práticos e estratégicos, formando uma narrativa lógica e fundamentada sobre o tema.

O **Capítulo 1** apresenta os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa. Este capítulo explora os conceitos de investimento sustentável e as práticas *ESG*, analisando sua crescente importância no mercado financeiro global. Em seguida, aborda as Teorias dos Mercados Eficientes, que sustentam a lógica de precificação dos ativos e os limites da eficiência de mercado, introduzindo também as críticas trazidas pela economia comportamental. Este capítulo discute ainda as criptomoedas e a tecnologia *blockchain*, destacando seu impacto disruptivo no setor financeiro, e encerra com as teorias de portfólio e diversificação, abordando como essas estratégias contribuem para a gestão de risco e o retorno financeiro.

O **Capítulo 2** examina o impacto da digitalização nos serviços financeiros. Este capítulo discute a ascensão dos bancos digitais e *fintechs*, destacando como essas instituições têm revolucionado o acesso a produtos financeiros. Em seguida, aborda o papel da automação e da inteligência artificial na personalização de serviços e na eficiência operacional das empresas do setor. O capítulo também analisa o uso de *big data* e análise de dados para melhorar a tomada de decisões estratégicas e identificar padrões comportamentais. Por fim, apresenta os desafios e oportunidades trazidos pela digitalização, incluindo questões de segurança cibernética e inclusão digital.

No **Capítulo 3**, é apresentado um panorama do setor financeiro brasileiro, desde sua origem até sua evolução recente. Este capítulo detalha a criação das *assets* e seu papel na administração de recursos, destacando a diversificação e sofisticação dos produtos financeiros oferecidos aos investidores. Além disso, examina o crescimento das pessoas físicas no mercado financeiro brasileiro e a relevância das *assets* na construção de um mercado de capitais robusto e competitivo. Por fim, discute as perspectivas futuras para o setor, destacando tendências como a digitalização e a incorporação de práticas *ESG*.

O **Capítulo 4** é dedicado à análise qualitativa das entrevistas realizadas com profissionais do mercado financeiro. Este capítulo apresenta as percepções dos entrevistados sobre a evolução do papel do assessor de investimentos, o impacto da digitalização no setor, e as tendências emergentes, como os investimentos em *ESG* e criptomoedas. Além disso, analisa os desafios enfrentados pelos profissionais na gestão de portfólios diversificados e na adaptação às novas exigências do mercado. As entrevistas destacam a importância de competências técnicas e relacionais para oferecer um serviço consultivo e construir relacionamentos de longo prazo com os clientes.

Este trabalho conclui com considerações sobre o papel transformador da assessoria de investimentos, destacando sua relevância para a gestão financeira no século XXI. A análise busca contribuir para a compreensão das mudanças no setor e oferecer *insights* práticos e estratégicos para gestores e investidores.

## Capítulo 1: Fundamentos Teóricos sobre Tendências Emergentes em Assessoria de Investimentos

### 1.1 Investimento Sustentável

O conceito de investimento sustentável tem ganhado cada vez mais destaque no mercado financeiro global, sendo também conhecido como Investimento Socialmente Responsável (ISR). Essa abordagem de investimento busca aliar o retorno financeiro com o impacto positivo no meio ambiente e na sociedade, incorporando critérios de Ambiental, Social e Governança (ESG). O ESG refere-se a um conjunto de padrões usados pelos investidores para identificar empresas que mantêm práticas éticas e sustentáveis. O critério Ambiental (E) analisa o impacto das atividades da empresa no meio ambiente, incluindo questões como emissão de gases de efeito estufa, uso de recursos naturais e práticas de conservação ambiental. O critério Social (S) envolve a responsabilidade corporativa nas relações de trabalho, direitos humanos, inclusão e diversidade. Por fim, o critério Governança (G) abrange aspectos relacionados à transparência nas operações empresariais, à composição ética e diversa dos conselhos de administração e à implementação de práticas robustas contra corrupção e má conduta corporativa (SANTOS, 2021).

O interesse por esse tipo de investimento aumentou significativamente nos últimos anos, em parte devido à crescente conscientização sobre as mudanças climáticas e à necessidade de responsabilidade social das corporações. Os investidores, que antes focavam exclusivamente no retorno financeiro, estão agora cada vez mais preocupados com a origem e o impacto de seus investimentos. Estudos mostram que empresas com boas práticas ESG têm maior resiliência a riscos regulatórios, reputacionais e ambientais, além de apresentar um desempenho financeiro superior no longo prazo (ECCLES; IOANNOU; SERAFEIM, 2014).

Além disso, a popularização do termo *triple bottom line*, introduzido por John Elkington na década de 1990, reforçou a importância de considerar pessoas, planeta e lucro no processo de decisão de investimentos. Isso impulsionou o crescimento dos fundos que seguem práticas sustentáveis, os quais têm se mostrado cada vez mais competitivos em termos de retorno e volatilidade, conforme estudos recentes indicam (ECCLES; IOANNOU; SERAFEIM, 2014).

No entanto, o crescimento dessa modalidade de investimento também traz desafios. Um dos principais problemas enfrentados pelos investidores está na falta de padronização das métricas ESG. Não há consenso universal sobre como medir o impacto ambiental, social e de governança, o que dificulta a comparação entre diferentes empresas e setores. Além disso, há o risco de *greenwashing*, que ocorre quando empresas exageram ou mentem sobre suas credenciais ecológicas para atrair investidores preocupados com a sustentabilidade (MARTINS, 2019).

Por outro lado, as oportunidades são vastas. O crescimento da demanda por práticas

sustentáveis está promovendo inovações em setores como energia renovável, tecnologia limpa e saúde, além de contribuir para a construção de uma economia mais justa e equilibrada. A integração dos critérios *ESG* nos processos de investimento, embora complexa, pode proporcionar retornos financeiros sólidos ao mesmo tempo em que beneficia a sociedade como um todo (PINHEIRO, 2020).

No Brasil, o investimento sustentável ainda está em fase de crescimento, mas já apresenta sinais promissores. Iniciativas como o *Global Reporting Initiative (GRI)* têm promovido uma maior transparência e padronização nas práticas *ESG* das empresas brasileiras. Além disso, a B3, a bolsa de valores do Brasil, lançou índices específicos de sustentabilidade, como o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), que mede o desempenho de empresas comprometidas com as melhores práticas de sustentabilidade e governança. Esses índices oferecem aos investidores ferramentas importantes para avaliar as empresas que estão realmente comprometidas com práticas sustentáveis (PINHEIRO, 2020).

A longo prazo, espera-se que a tendência de crescimento do investimento sustentável se consolide, não apenas como uma opção ética, mas também como uma estratégia financeira sólida. A integração dos critérios *ESG* na gestão de ativos não só traz benefícios financeiros, como também promove uma economia mais justa e equilibrada, contribuindo para a construção de um futuro mais sustentável para as próximas gerações.

## 1.2 Teoria dos Mercados Eficientes:

A Teoria dos Mercados Eficientes (*EMH – Efficient Market Hypothesis*), proposta por Eugene Fama na década de 1960, revolucionou o campo da economia financeira. A teoria sugere que os preços dos ativos financeiros refletem todas as informações disponíveis no mercado, de modo que seria impossível para qualquer investidor obter retornos consistentemente acima da média sem assumir riscos adicionais. Essa hipótese baseia-se na premissa de que os investidores agem racionalmente e que as informações são rapidamente incorporadas aos preços dos ativos, tornando o mercado eficiente no processamento dessas informações (FAMA, 1970).

A *EMH* é dividida em três formas principais, cada uma representando um grau diferente de eficiência. A forma fraca sugere que os preços dos ativos refletem todas as informações históricas de preços, o que significa que a análise técnica, que utiliza padrões passados de preço, não seria eficaz para prever os movimentos futuros. A forma semi-forte afirma que os preços refletem todas as informações publicamente disponíveis, incluindo relatórios financeiros e notícias econômicas, de modo que a análise fundamentalista também seria incapaz de gerar retornos acima da média. Já a forma forte postula que os preços dos ativos refletem tanto as informações públicas quanto as informações privadas, implicando que nem mesmo investidores com acesso a informações privilegiadas poderiam consistentemente superar o mercado

(LOPES, 2019).

Embora a *EMH* tenha sido amplamente aceita pela comunidade acadêmica e por profissionais de mercado, diversas anomalias observadas ao longo dos anos desafiaram a teoria. Um exemplo clássico é o efeito janeiro, que descreve um padrão em que os preços das ações tendem a subir mais no mês de janeiro do que em outros meses do ano, um fenômeno que a *EMH* não consegue explicar satisfatoriamente (MARTINS, 2020). Outro exemplo é o efeito valor, onde ações de empresas com baixos múltiplos preço/lucro tendem a superar ações com múltiplos altos, novamente contrariando a premissa de eficiência de mercado (CARVALHO, 2021). Além disso, há a questão do chamado momento dos preços, que se refere à tendência de que ações que tiveram um bom desempenho recentemente continuem a se valorizar a curto prazo. Essa continuidade no desempenho sugere que os mercados podem não reagir de forma completamente eficiente, uma vez que os preços não incorporam rapidamente todas as informações disponíveis, indicando uma possível ineficiência nos mercados (FERREIRA, 2017).

Essas anomalias levaram a uma série de críticas à *EMH*, especialmente por parte de estudiosos da economia comportamental, que argumentam que os investidores nem sempre são racionais. De acordo com a economia comportamental, fatores psicológicos e emocionais têm um impacto significativo nas decisões de investimento, levando os investidores a cometerem erros previsíveis e sistemáticos. Por exemplo, o viés de confirmação faz com que os investidores busquem informações que confirmem suas crenças prévias, ignorando dados que podem contradizer suas expectativas (FERREIRA, 2018). Outro exemplo é o viés de ancoragem, em que os investidores tendem a se basear excessivamente na primeira informação recebida ao tomar decisões subsequentes (KAHNEMAN; TVERSKY, 1979).

Um dos críticos mais influentes da *EMH* é Robert Shiller, que cunhou o termo "exuberância irracional" para descrever os mercados financeiros que, em certos momentos, são dominados por comportamentos especulativos, resultando em bolhas e subsequentes colapsos. Shiller argumenta que esses comportamentos irracionais dos investidores são indicativos de que os mercados não são tão eficientes quanto a teoria de Fama sugere. Ele também destaca que as bolhas especulativas, como as observadas no mercado de ações no final dos anos 1990 e no mercado imobiliário dos Estados Unidos antes da crise de 2008, são exemplos claros de momentos em que os preços dos ativos se descolam dos fundamentos econômicos (SHILLER, 2003).

Portanto, embora a Teoria dos Mercados Eficientes forneça uma base teórica robusta para entender o comportamento dos preços dos ativos, suas limitações são evidenciadas pelas diversas anomalias documentadas e pelas descobertas da economia comportamental. Uma abordagem que considere tanto a eficiência do mercado quanto os vieses comportamentais pode

fornecer uma visão mais completa e realista do funcionamento dos mercados financeiros, permitindo que os investidores desenvolvam estratégias que aproveitem as possíveis ineficiências do mercado.

### 1.3 Economia Comportamental:

A economia comportamental é um campo que une princípios da psicologia à economia, com o objetivo de entender como as pessoas realmente tomam decisões econômicas no mundo real, em contraste com os modelos tradicionais de economia, que assumem que os indivíduos são sempre racionais. Desenvolvida com base nos estudos dos psicólogos Daniel Kahneman e Amos Tversky, essa teoria sugere que as escolhas financeiras das pessoas são influenciadas por vieses cognitivos, que são padrões de pensamento que desviam a decisão racional, e emoções, que também desempenham um papel importante nas escolhas financeiras (KAHNEMAN; TVERSKY, 1979).

Um dos conceitos centrais da economia comportamental é a Teoria da Perspectiva, que afirma que os indivíduos avaliam as opções de investimento em termos de ganhos e perdas relativas a um ponto de referência, em vez de considerarem os resultados absolutos. Um aspecto chave dessa teoria é a aversão à perda, que significa que as pessoas tendem a sentir mais intensamente a dor de uma perda do que o prazer de um ganho de valor equivalente. No contexto de investimentos, isso faz com que muitos investidores relutem em vender ativos que caíram de valor, na esperança de evitar a perda, ou que vendam ativos em alta cedo demais, para garantir um pequeno ganho antes que os preços caiam (SILVA, 2020).

Outro conceito relevante é o viés de ancoragem, que ocorre quando as pessoas confiam excessivamente na primeira informação que recebem ao tomar decisões subsequentes. Por exemplo, no mercado financeiro, se um investidor compra uma ação a R\$ 100, ele pode continuar a usá-la como referência, mesmo que novos dados sugiram que o preço da ação não justifique esse valor. O investidor pode hesitar em vender por um preço inferior, ancorando sua decisão ao preço inicial, mesmo quando as circunstâncias econômicas mudam (TAVARES, 2019).

O viés de confirmação é outro fenômeno comum, em que os investidores procuram informações que reforcem suas crenças prévias e ignoram aquelas que possam contradizê-las. Isso pode levar a decisões de investimento menos racionais, uma vez que os investidores selecionam apenas as informações que corroboram suas expectativas, sem considerar dados importantes que podem alterar suas previsões (FERREIRA, 2018).

Esses vieses cognitivos destacam o comportamento irracional dos investidores, desafiando a Teoria dos Mercados Eficientes (*EMH*), que pressupõe que os preços dos ativos financeiros refletem todas as informações disponíveis de forma precisa e que os investidores agem racionalmente. No entanto, a economia comportamental demonstra que fatores

emocionais e psicológicos muitas vezes causam desvios significativos nos preços de mercado. Um exemplo claro disso é o comportamento de manada, onde os investidores seguem as decisões de outros, independentemente das informações que possuem, contribuindo para a formação de bolhas especulativas. Essas bolhas ocorrem quando os preços dos ativos são inflacionados acima de seu valor intrínseco devido ao comportamento especulativo coletivo, como foi observado na bolha das "ponto com" no final dos anos 1990 (PINHEIRO, 2019).

Além disso, há o fenômeno do pânico de mercado, em que os investidores, diante do medo de grandes perdas, vendem rapidamente seus ativos, intensificando ainda mais a queda nos preços. Esse comportamento é frequentemente provocado por eventos externos que desencadeiam uma reação em cadeia, resultando em vendas em massa e perda de valor dos ativos (GONÇALVES, 2018).

Diante dessas observações, a economia comportamental oferece uma visão mais realista e prática sobre o comportamento dos investidores nos mercados financeiros. Ela revela que as decisões financeiras não são apenas baseadas em cálculos racionais de risco e retorno, mas também são profundamente influenciadas por fatores emocionais, heurísticas e vieses cognitivos. Ao reconhecer esses fatores, gestores de investimentos e formuladores de políticas públicas podem desenvolver estratégias que ajudem a mitigar os impactos negativos dos vieses comportamentais e promover decisões financeiras mais equilibradas e informadas.

#### 1.4 Criptomoedas e Tecnologia *Blockchain*:

As criptomoedas surgiram no final dos anos 2000 como uma nova classe de ativos digitais, criadas para funcionar como uma alternativa descentralizada às moedas tradicionais. Diferente das moedas fiduciárias (como o real ou o dólar), as criptomoedas não são emitidas por um banco central ou uma autoridade governamental, mas sim geradas e gerenciadas por meio de um processo chamado mineração, no caso de algumas criptomoedas como o *Bitcoin*, ou por outros mecanismos em outras moedas. Elas são baseadas na tecnologia *blockchain*, que é essencial para sua operação.

O *Bitcoin*, criado por um desenvolvedor ou grupo de desenvolvedores sob o pseudônimo de Satoshi Nakamoto em 2008, foi a primeira criptomoeda a ganhar popularidade. Sua principal inovação foi a capacidade de realizar transações sem a necessidade de um intermediário, como um banco. A transação de *Bitcoin* é verificada por uma rede descentralizada de computadores (nós), e registrada de forma transparente e imutável na *blockchain*, que é um livro-razão público que armazena todas as transações de maneira cronológica e segura (ROCHA, 2019).

A tecnologia *blockchain*, que sustenta as criptomoedas, é um sistema de registro distribuído que organiza os dados em blocos encadeados (daí o nome "*blockchain*", que em tradução literal significa "cadeia de blocos"). Cada bloco contém uma lista de transações e está

conectado ao bloco anterior por meio de um *hash*, que é um código exclusivo gerado a partir dos dados do bloco anterior. Isso cria uma estrutura linear e imutável, onde qualquer alteração em um bloco invalidaria todos os blocos subsequentes, tornando a tecnologia altamente segura e resistente a fraudes (SILVA, 2020). Além de suportar criptomoedas, o *blockchain* tem encontrado aplicações em diversas outras áreas, como contratos inteligentes (*smart contracts*), registros de propriedade e cadeias de suprimento, oferecendo maior transparência e eficiência nesses processos.

Entre as criptomoedas mais conhecidas, além do *Bitcoin*, destaca-se o *Ethereum*, que se diferencia por permitir a criação e execução de contratos inteligentes. Esses contratos são programas que são automaticamente executados quando certas condições são atendidas, sem a necessidade de um intermediário. Isso abre um vasto campo de possibilidades para automação de transações financeiras, acordos legais, e outras operações que tradicionalmente requerem terceiros para garantir sua execução (FERNANDES, 2018).

Apesar de seu crescimento meteórico, as criptomoedas enfrentam uma série de desafios, principalmente em relação à sua aceitação em larga escala. Um dos maiores problemas é a volatilidade dos preços. Como esses ativos ainda são relativamente novos e seu valor depende fortemente da percepção e da demanda dos investidores, suas cotações podem variar drasticamente em curtos períodos de tempo. Além disso, a falta de regulamentação em muitos países levanta questões sobre segurança e proteção dos investidores. Governos ao redor do mundo estão ainda tentando entender e regular adequadamente esse mercado, criando uma incerteza regulatória que impacta diretamente o preço e a adoção das criptomoedas (ROCHA, 2019).

Outro ponto de debate é o impacto ambiental das criptomoedas. A mineração de criptomoedas, especialmente o *Bitcoin*, requer um grande poder de processamento computacional e, conseqüentemente, consome grandes quantidades de energia elétrica. Esse processo tem sido criticado por seu impacto negativo no meio ambiente, levando ao desenvolvimento de alternativas que consomem menos energia, como o *Proof of Stake (PoS)*, um mecanismo alternativo ao tradicional *Proof of Work (PoW)*, utilizado pela rede Bitcoin, que busca diminuir o consumo energético no processo de validação das transações (FERNANDES, 2018).

Por outro lado, as criptomoedas oferecem vantagens importantes, como a possibilidade de realizar transações internacionais de maneira rápida e com taxas mais baixas em comparação aos métodos tradicionais. Isso as torna especialmente atrativas em regiões com sistemas bancários frágeis ou onde a moeda local sofre de alta inflação. A combinação de *blockchain* com

criptomoedas também trouxe maior inclusão financeira, permitindo que pessoas sem acesso a bancos ou serviços financeiros tradicionais possam participar da economia global por meio de carteiras digitais e plataformas descentralizadas (SILVA, 2020).

Com o contínuo desenvolvimento dessa tecnologia, a expectativa é que as criptomoedas e o *blockchain* continuem a evoluir, influenciando diversos setores da economia e redefinindo a forma como transações financeiras, contratos e registros são gerenciados. A regulamentação adequada e a resolução de desafios como a escalabilidade e o impacto ambiental serão cruciais para a consolidação das criptomoedas no cenário financeiro global.

### 1.5 Teorias de Portfolio e Diversificação:

A Teoria de Portfólio, introduzida por Harry Markowitz em 1952, é um dos pilares da moderna teoria financeira. Seu principal objetivo é explicar como os investidores podem otimizar suas carteiras de investimentos, equilibrando o retorno esperado com o risco envolvido. De acordo com essa teoria, o risco de um portfólio não é simplesmente a soma dos riscos individuais de cada ativo, mas depende de como os retornos desses ativos estão correlacionados. Markowitz demonstrou que é possível reduzir o risco total de um portfólio ao combinar ativos que tenham correlação negativa ou baixa entre si, o que leva ao conceito de diversificação (MARKOWITZ, 1952).

Diversificação é uma estratégia de investimento que visa reduzir o risco ao alocar os recursos em diferentes ativos, como ações, títulos, commodities e outros instrumentos financeiros, que não se comportam da mesma maneira sob as mesmas condições de mercado. A ideia central é que, ao distribuir os investimentos em diferentes classes de ativos, setores da economia ou geografias, o impacto negativo de uma queda em um ativo ou setor pode ser compensado pelo desempenho positivo de outro. Em termos práticos, se um investidor possui uma carteira composta exclusivamente por ações de um único setor, ele estará exposto ao risco específico daquele setor. No entanto, ao diversificar em diferentes setores ou regiões, o risco é diluído, proporcionando maior estabilidade ao portfólio (SILVA, 2019).

A teoria de Markowitz, também chamada de teoria do portfólio moderno, baseia-se na ideia de que o retorno e o risco são os principais fatores a serem considerados na construção de um portfólio eficiente. O retorno esperado refere-se ao ganho médio que um investidor pode esperar de um determinado conjunto de ativos, enquanto o risco é medido pela volatilidade, ou seja, a variação nos retornos de um ativo ao longo do tempo. Uma carteira eficiente é aquela que oferece o maior retorno possível para um determinado nível de risco ou, inversamente, o menor risco para um determinado nível de retorno esperado (FERNANDES, 2018).

Para ilustrar isso, Markowitz introduziu o conceito de fronteira eficiente. A fronteira eficiente representa o conjunto de carteiras que têm o melhor equilíbrio entre risco e retorno. Investidores que selecionam carteiras que estão nessa fronteira são considerados mais eficientes,

pois estão maximizando seus ganhos potenciais para o nível de risco que estão dispostos a assumir. A combinação ideal de ativos varia de acordo com a aversão ao risco do investidor; ou seja, um investidor mais conservador pode optar por uma carteira com menor risco e, portanto, menor retorno, enquanto um investidor mais arrojado pode optar por uma carteira com maior risco em busca de maiores ganhos (FERREIRA, 2020).

Outro conceito fundamental na teoria de portfólio é o beta, que mede a sensibilidade de um ativo em relação ao mercado como um todo. Um beta de 1 indica que o ativo tende a se mover em linha com o mercado, enquanto um beta superior a 1 significa que o ativo é mais volátil do que o mercado, e um beta inferior a 1 indica que o ativo tende a ser menos volátil. A compreensão do beta de um ativo ajuda os investidores a ajustar a composição de suas carteiras para alinhar o risco ao seu perfil de investimento. A Teoria do *CAPM* (*Capital Asset Pricing Model*), desenvolvida posteriormente, usa o beta para calcular o retorno esperado de um ativo, levando em conta seu risco relativo em comparação ao mercado (FERREIRA, 2020).

A diversificação, contudo, não elimina todos os tipos de risco. O risco não sistemático, que é o risco específico de um ativo ou setor, pode ser reduzido pela combinação de diferentes ativos em uma carteira, uma vez que a exposição a problemas isolados de uma empresa ou setor é diluída. No entanto, o risco sistemático, que afeta o mercado como um todo, como crises financeiras ou recessões econômicas, não pode ser mitigado apenas pela diversificação. Para lidar com esse tipo de risco, os investidores precisam adotar outras estratégias, como o uso de derivativos ou ajustar suas alocações conforme a evolução do cenário econômico global (SANTOS, 2021).

Além disso, a diversificação também pode ser aplicada a níveis globais. Investimentos internacionais permitem aos investidores acessar mercados que apresentam diferentes ciclos econômicos e condições financeiras. Por exemplo, enquanto um mercado desenvolvido como os Estados Unidos pode estar enfrentando uma desaceleração, mercados emergentes, como o Brasil ou a China, podem estar em expansão. Investir globalmente permite que os investidores capturem essas oportunidades e diversifiquem ainda mais seus riscos (FERNANDES, 2018).

A teoria de portfólio e a diversificação continuam a ser práticas centrais no mundo financeiro, permitindo que os investidores melhorem seus retornos ajustados ao risco. Embora não possa garantir a eliminação de perdas, a diversificação, quando bem implementada, oferece uma forma eficaz de mitigar riscos e construir portfólios mais resilientes diante das incertezas do mercado.

## Capítulo 2 : Impacto da Digitalização nos Serviços Financeiros:

A digitalização vem transformando radicalmente o setor financeiro nas últimas décadas, alterando tanto a forma como as instituições financeiras operam quanto a maneira como os consumidores acessam e utilizam serviços financeiros. Esse processo envolve o uso de tecnologias digitais para otimizar processos internos, desenvolver novos produtos, melhorar a experiência do cliente e, em muitos casos, reduzir custos operacionais. A digitalização é considerada uma das principais tendências disruptivas no setor financeiro, promovendo um ambiente mais competitivo, dinâmico e acessível. A IA e o *machine learning*, ou aprendizado de máquina, que é uma subárea da inteligência artificial que se refere a algoritmos e sistemas capazes de aprender e melhorar automaticamente a partir de dados, sem a necessidade de serem programados explicitamente, têm desempenhado um papel crucial na modernização dos serviços financeiros, permitindo análises de dados mais sofisticadas, automação de processos e melhorias na tomada de decisões.

Um dos pilares dessa transformação é o avanço dos bancos digitais e *fintechs* (abreviação de *financial technology*), que são empresas que oferecem serviços financeiros utilizando plataformas digitais. Essas organizações diferenciam-se dos bancos tradicionais por serem mais ágeis e por oferecerem produtos mais acessíveis, muitas vezes com custos reduzidos. A popularização das *fintechs* gerou uma onda de inovação no setor financeiro, desafiando o modelo tradicional de negócio dos grandes bancos (SILVA, 2021).

### 2.1 Bancos Digitais e *Fintechs*

Os bancos digitais são instituições financeiras que operam de maneira totalmente *online*, sem agências físicas. Eles oferecem uma gama completa de serviços financeiros, como contas correntes, empréstimos e investimentos, por meio de plataformas digitais. Diferentemente dos bancos tradicionais, os bancos digitais eliminam grande parte dos custos associados à manutenção de estruturas físicas, o que lhes permite oferecer tarifas mais competitivas e serviços mais ágeis para os clientes. Além disso, esses bancos têm investido fortemente em inteligência artificial (IA) e *big data* para aprimorar a experiência do usuário e criar soluções financeiras mais eficientes (CAMPOS, 2020).

Por outro lado, as *fintechs* surgiram com a proposta de oferecer serviços financeiros específicos, muitas vezes focando em um nicho ou uma área onde os bancos tradicionais não atendem de forma satisfatória. As *fintechs* atuam em diversos segmentos, como meios de pagamento, crédito, investimentos e seguros, promovendo inovações como carteiras digitais, crédito *peer-to-peer* (P2P) que é um modelo de empréstimo entre pessoas ou empresas, sem a intermediação de um banco e plataformas de *crowdfunding*, que são sites de investimento que

permitem a captação de recursos para projetos por meio de financiamento coletivo. Elas desafiam o setor tradicional ao introduzirem novos modelos de negócios baseados na conveniência, transparência e personalização, muitas vezes utilizando a *blockchain* para aumentar a segurança e a eficiência nas transações (FERREIRA, 2021).

Um exemplo de sucesso de uma *fintech* é o Nubank, que revolucionou o mercado de cartões de crédito no Brasil ao oferecer um cartão sem anuidade, totalmente gerido por meio de um aplicativo móvel. A simplicidade e a transparência da operação, combinadas com a ausência de tarifas ocultas, tornaram o Nubank uma das *fintechs* mais valiosas da América Latina, e um exemplo claro de como a digitalização pode transformar a relação dos consumidores com os serviços financeiros (SILVA, 2021).

## 2.2 Automação e Inteligência Artificial no Setor Financeiro

Outra área de destaque no impacto da digitalização nos serviços financeiros é o uso de inteligência artificial (IA) e automação para a execução de tarefas rotineiras e para a tomada de decisões financeiras. A IA tem sido amplamente utilizada em serviços como consultoria robótica (*robo-advisors*), onde algoritmos complexos são utilizados para oferecer recomendações de investimento personalizadas com base no perfil de risco do cliente. Esses algoritmos analisam uma grande quantidade de dados em tempo real, oferecendo soluções que muitas vezes superam as recomendações tradicionais de consultores humanos (GONÇALVES, 2020).

Além disso, a automação está sendo usada em processos internos das instituições financeiras para melhorar a eficiência operacional. Um exemplo disso é o uso de processamento automático de linguagem natural (*NLP*, na sigla em inglês) para responder às dúvidas dos clientes por meio de *chatbots*, que são programas que simulam conversas humanas. Essas tecnologias estão reduzindo significativamente o tempo de resposta e o custo de atendimento ao cliente, ao mesmo tempo que melhoram a qualidade do serviço oferecido (CAMPOS, 2020).  
Automação de Processos: A automação de processos robóticos (*RPA*) utiliza IA para automatizar tarefas repetitivas, aumentando a eficiência e reduzindo custos operacionais (OLIVEIRA, 2020, p. 78).

A automação também tem desempenhado um papel fundamental na área de compliance. Com a crescente regulação do setor financeiro, especialmente após a crise de 2008, as instituições estão cada vez mais dependentes de ferramentas digitais para garantir a conformidade com as normas regulatórias. A *RegTech* (tecnologia regulatória) é um ramo da *fintech* que se especializa em fornecer soluções tecnológicas para que as empresas possam cumprir de forma mais eficiente as regulamentações governamentais, como a prevenção à

lavagem de dinheiro (AML) e a conformidade com as leis de proteção de dados (FERREIRA, 2021).

### 2.3 O Papel do *Big Data* e da Análise de Dados

O volume de dados gerados no setor financeiro cresce exponencialmente à medida que as transações digitais se tornam cada vez mais prevalentes. Nesse contexto, o *big data* (análise de grandes volumes de dados para identificar padrões e tomar decisões) e a análise de dados emergem como ferramentas essenciais para as instituições financeiras. O *big data* refere-se à capacidade de coletar e processar grandes volumes de dados provenientes de diversas fontes, como transações financeiras, perfis de clientes, interações em redes sociais e históricos de navegação na web.

A análise desses dados oferece às instituições financeiras a possibilidade de entender melhor os comportamentos e preferências dos clientes, permitindo a criação de produtos e serviços mais personalizados. Além disso, o *big data* é utilizado para detectar padrões de comportamento que possam indicar fraudes ou outros riscos financeiros. Ferramentas de análise preditiva permitem que os bancos antecipem movimentos do mercado, gerem recomendações de investimentos e melhorem a gestão de risco em tempo real (ALMEIDA, 2019).

Empresas como o PayPal utilizam algoritmos avançados de análise de dados para monitorar as transações dos usuários e detectar comportamentos suspeitos que possam indicar atividades fraudulentas. Graças ao *big data*, essas plataformas são capazes de proteger milhões de transações por dia, assegurando que os usuários possam confiar nos serviços financeiros digitais (GONÇALVES, 2020).

### 2.4 Desafios e Oportunidades da Digitalização

Embora a digitalização dos serviços financeiros traga inúmeros benefícios, como maior eficiência, conveniência e redução de custos, ela também apresenta desafios significativos. Um dos principais desafios é a segurança cibernética. À medida que os serviços financeiros se tornam mais digitais, as ameaças cibernéticas aumentam, exigindo que as instituições invistam pesadamente em infraestrutura de segurança para proteger os dados dos clientes e garantir a integridade das transações.

Outro desafio é o aumento da exclusão digital. Embora a digitalização tenha facilitado o acesso a serviços financeiros para muitas pessoas, especialmente em regiões onde os bancos tradicionais são inacessíveis, ela também pode deixar para trás aqueles que não possuem acesso à internet ou que não têm familiaridade com tecnologias digitais. Isso destaca a necessidade de iniciativas de inclusão digital que visem educar e proporcionar acesso a populações mais vulneráveis (CAMPOS, 2020).

No entanto, as oportunidades são vastas. A digitalização permite que os serviços financeiros se tornem mais inclusivos, acessíveis e personalizados, promovendo uma democratização do setor financeiro. Além disso, a inovação continua a abrir portas para o desenvolvimento de novos produtos e serviços, como as criptomoedas e o uso de *blockchain* para transações financeiras seguras e transparentes, representando o próximo passo na evolução da digitalização dos serviços financeiros (FERREIRA, 2021).

### **Capítulo 3 : O Setor Financeiro no Brasil: Origem, Evolução e Crescimento das *Assets***

O setor financeiro no Brasil passou por inúmeras transformações ao longo dos séculos, acompanhando os avanços econômicos e sociais que moldaram a economia do país. Desde os primórdios, com a criação do primeiro banco brasileiro no início do século XIX, até os dias atuais, o sistema financeiro evoluiu em complexidade e diversificação, refletindo as necessidades crescentes de uma economia em desenvolvimento. Dentro deste cenário, as *assets*, ou gestoras de recursos, emergiram como agentes centrais na administração de investimentos e na promoção do desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro.

#### **3.1 Origem do Setor Financeiro no Brasil**

O setor financeiro brasileiro tem suas raízes no início do século XIX, quando a família real portuguesa trouxe consigo a necessidade de estruturar uma economia organizada e adaptada ao comércio internacional. A criação do Banco do Brasil em 1808 marcou o início das atividades bancárias no país, com o objetivo de facilitar as transações comerciais e o crédito público. Embora as operações fossem limitadas e voltadas principalmente para as elites econômicas da época, a criação do banco representou o primeiro passo rumo à modernização financeira no Brasil (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2021).

Nas décadas seguintes, o sistema financeiro brasileiro expandiu-se lentamente, à medida que novas instituições bancárias foram surgindo e a economia nacional começou a se diversificar. No entanto, a instabilidade econômica e política durante o século XIX, incluindo os períodos de crise inflacionária e mudanças no regime político, retardaram o desenvolvimento do setor financeiro. Somente no início do século XX, com o processo de industrialização e urbanização, o Brasil começou a ver uma maior diversificação dos serviços financeiros, culminando na criação de grandes bancos privados e públicos (CAMPOS, 2020).

#### **3.2 A Modernização e Expansão do Sistema Financeiro Brasileiro**

A segunda metade do século XX foi marcada por reformas econômicas fundamentais que moldaram o setor financeiro brasileiro como o conhecemos hoje. A criação do Banco Central do Brasil em 1964 foi um marco crucial, pois trouxe maior controle sobre a política monetária e consolidou a autoridade reguladora do sistema financeiro. O Banco Central passou a desempenhar um papel central na regulação das instituições financeiras e na supervisão do sistema bancário, garantindo estabilidade econômica e protegendo o sistema financeiro contra crises.

Outro passo importante foi a criação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) em 1976, cuja missão é regulamentar e fiscalizar o mercado de capitais. O desenvolvimento do mercado de ações e de títulos de dívida permitiu que as empresas tivessem acesso a novas

formas de financiamento, e que os investidores tivessem a oportunidade de diversificar seus portfólios. A criação da CVM foi essencial para garantir a transparência e segurança nas operações do mercado de capitais, promovendo a confiança dos investidores e atraindo capital tanto nacional quanto estrangeiro (CVM, 2024).

A estabilização econômica obtida com o Plano Real em 1994 também teve um impacto significativo no crescimento do setor financeiro. Ao estabilizar a inflação, o Plano Real criou um ambiente mais previsível e favorável para investimentos de longo prazo, permitindo a expansão de instituições financeiras e o fortalecimento do mercado de capitais. Esse cenário facilitou o surgimento de novas *assets*, que passaram a gerir fundos de investimentos e oferecer produtos financeiros mais diversificados para os investidores.

### 3.3 O Crescimento das *Assets* no Brasil

As *assets*, ou gestoras de recursos, começaram a ganhar relevância no Brasil a partir dos anos 2000, acompanhando o crescimento do mercado de capitais e a maior sofisticação dos investidores. Essas empresas são responsáveis pela administração de fundos de investimento, carteiras de ações, títulos de renda fixa e outros ativos financeiros, buscando maximizar o retorno dos investidores de acordo com seus perfis de risco. As *assets* desempenham um papel crucial ao conectar investidores a oportunidades de investimento, ao mesmo tempo em que promovem a diversificação dos recursos aplicados (FERREIRA, 2020).

A expansão das *assets* foi impulsionada por dois fatores principais: o aumento da participação de investidores institucionais, como fundos de pensão e seguradoras, e o crescimento da classe média, que passou a ter maior acesso aos produtos financeiros. Grandes bancos brasileiros, como Itaú e Bradesco, criaram suas próprias gestoras de recursos, enquanto *assets* independentes também surgiram para competir nesse mercado. Uma dessas gestoras independentes é a XP Asset Management, que se destacou por democratizar o acesso a produtos financeiros, permitindo que investidores de pequeno porte tivessem acesso a fundos antes restritos a grandes investidores (XP INVESTIMENTOS, 2024).

Além disso, a abertura do mercado brasileiro ao capital estrangeiro atraiu gestoras internacionais, que trouxeram inovações e práticas avançadas de gestão de recursos. A competição entre gestoras nacionais e estrangeiras impulsionou o crescimento do setor, elevando os padrões de governança e transparência. Esse ambiente mais competitivo beneficiou os investidores brasileiros, que passaram a ter uma maior gama de opções para diversificar suas carteiras (SANTOS, 2020).

### 3.4 O Papel das *Assets* no Desenvolvimento do Mercado de Capitais Brasileiro

As *assets* desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do mercado de capitais brasileiro. Elas captam recursos de investidores e os aplicam em ativos como ações, títulos de dívida corporativa e instrumentos financeiros de longo prazo. Ao fazer isso, as gestoras de recursos contribuem diretamente para o financiamento das empresas, impulsionando o crescimento econômico. Além disso, as *assets* promovem a liquidez do mercado ao negociar grandes volumes de ativos financeiros, o que ajuda a formar preços justos para os ativos e permite que os investidores comprem e vendam suas participações de forma mais eficiente (FERREIRA, 2020).

Outro papel importante das *assets* é a gestão de fundos de previdência complementar e seguros. Esses fundos, que são administrados por gestoras especializadas, são essenciais para garantir a aposentadoria de milhões de brasileiros. A correta alocação dos recursos desses fundos em ativos de longo prazo, como infraestrutura e energia, permite o crescimento sustentável da economia, ao mesmo tempo em que assegura a rentabilidade para os participantes dos planos de previdência.

A expansão do mercado de capitais também abriu espaço para novas classes de ativos, como fundos imobiliários, debêntures incentivadas e fundos de *private equity*, que têm sido amplamente utilizados pelas *assets* para diversificar seus portfólios e oferecer opções mais rentáveis para seus clientes. Com a digitalização e a evolução tecnológica, as *assets* têm utilizado ferramentas como *big data* e inteligência artificial para aprimorar suas estratégias de gestão, criando produtos cada vez mais personalizados e alinhados aos perfis dos investidores (SILVA, 2021).

### 3.5 O Futuro das *Assets* no Brasil

O futuro das *assets* no Brasil parece promissor, com o crescimento do mercado de capitais e a diversificação dos produtos financeiros continuando a atrair novos investidores. A digitalização do setor, impulsionada pelas *fintechs* e pela inovação tecnológica, permitirá que as *assets* continuem a expandir suas operações, oferecendo soluções mais ágeis, seguras e personalizadas. A adoção de tecnologias como *blockchain* para garantir a segurança nas transações e a crescente incorporação de critérios *ESG* (Ambiental, Social e de Governança) nas decisões de investimento também são tendências que moldarão o futuro do setor (FERREIRA, 2020).

Além disso, espera-se que o mercado de *assets* no Brasil continue a se consolidar, com gestoras independentes ganhando mais espaço e competindo diretamente com as gestoras ligadas a grandes bancos. O aumento da participação de investidores individuais, impulsionado

pela maior educação financeira e pelo acesso facilitado a plataformas de investimento *online*, também contribuirá para a expansão do setor. A combinação de inovação, regulamentação eficiente e maior conscientização sobre investimentos sustentáveis garantirá o crescimento contínuo das *assets* no Brasil nos próximos anos (CAMPOS, 2020).

## **CAPÍTULO 4: Evolução e Desafios da Assessoria de Investimentos no Brasil**

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma análise detalhada das entrevistas realizadas com profissionais do mercado financeiro, abordando suas percepções sobre o papel do assessor de investimentos e as principais tendências emergentes no setor. Para garantir uma abordagem estruturada e consistente, foi utilizada uma metodologia qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas, que permitiu explorar a experiência e o conhecimento dos entrevistados de forma aprofundada.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro previamente elaborado, composto por perguntas base que buscavam investigar tópicos essenciais relacionados ao mercado de assessoria de investimentos. Esses tópicos incluíam, entre outros, o papel do assessor de investimentos, o impacto da digitalização no setor, a crescente participação de investidores pessoa física no mercado e as tendências emergentes, como *ESG* e criptomoedas. A escolha dessas perguntas foi fundamentada na necessidade de compreender as mudanças que o setor vem enfrentando e identificar as principais oportunidades e desafios para os profissionais da área.

As perguntas base foram formuladas com o intuito de abordar tanto as experiências pessoais dos entrevistados em suas carreiras quanto suas opiniões sobre os principais fatores que afetam o mercado. Entre as questões discutidas, destacaram-se as estratégias de diversificação, o papel das *assets independentes*, os impactos da tecnologia no relacionamento com os clientes e os desafios regulatórios. Além disso, cada entrevista foi finalizada com a análise do impacto da educação financeira e das tendências futuras para a profissão.

Por fim, a análise das entrevistas permitiu identificar padrões nas respostas dos entrevistados, bem como destacar opiniões divergentes e complementares sobre os temas abordados. Ao longo deste capítulo, serão apresentadas as principais observações e conclusões extraídas dessas entrevistas, fornecendo uma visão clara e prática sobre o estado atual do mercado de assessoria de investimentos e suas perspectivas futuras.

Após realizar uma análise detalhada das entrevistas realizadas com profissionais do mercado financeiro, buscou-se compreender as transformações que o setor de assessoria de investimentos tem vivenciado nos últimos anos.. Foram entrevistados alguns sócios de um escritório credenciado à XP Investimentos, sendo eles: José Ferraz, assessor de investimentos, Talita Colombo, líder de equipe e assessora de investimentos, Leandro Santos, Head Comercial, Eduardo Brandão, Operador de Renda Variável, Karen Varro, assessora de investimentos e Guilherme Gomes, CEO. A seguir, discutimos os principais resultados sobre a evolução do papel do assessor, o impacto da digitalização, o crescimento de investidores pessoa física, as

tendências emergentes e os desafios relacionados à diversificação, organizados em tópicos de análise.

#### 4.1 Evolução do papel do assessor de investimentos

De maneira geral, todos os entrevistados concordaram que o papel do assessor de investimentos mudou substancialmente nos últimos anos. José Ferraz destacou que o assessor evoluiu de um mero vendedor de produtos financeiros para um consultor estratégico, que deve entender as necessidades do cliente para oferecer recomendações personalizadas. Ele explicou que, no início de sua carreira, as opções eram limitadas aos produtos padronizados dos grandes bancos, mas que hoje a diversidade de produtos, somada às plataformas digitais, permitiu uma maior personalização.

Leandro Santos reforçou essa visão, acrescentando que o conhecimento técnico ainda é importante, mas o diferencial agora está na capacidade de entender o cliente de forma holística, oferecendo um serviço que vai além da simples venda de produtos. Isso corrobora minha hipótese inicial de que o papel do assessor de investimentos se tornou mais consultivo e focado na construção de uma relação de confiança.

Guilherme Gomes trouxe uma perspectiva estratégica a essa questão. Ele destacou que a evolução do papel do assessor foi crucial para o crescimento de sua empresa, a 1 Time Invest. Para Gomes, o assessor não pode mais ser apenas um "intermediário" de produtos, mas um especialista que compreenda profundamente o perfil e as necessidades dos clientes. Ele comentou que, em seu escritório, o foco está na construção de relacionamentos de longo prazo, o que requer uma abordagem altamente personalizada. Além disso, ele destacou a importância de educar o cliente sobre o mercado e as estratégias adotadas.

Eduardo Brandão, por sua vez, ressaltou que essa evolução também impôs a necessidade de uma adaptação mais rápida às novas tecnologias e às mudanças no mercado. Para ele, que atua na mesa de renda variável, a agilidade na resposta às demandas do cliente é essencial, especialmente quando se trata de investidores que buscam retornos mais arrojados.

## 4.2 Impacto da digitalização no setor

A digitalização foi unanimemente apontada pelos entrevistados como um dos maiores motores de transformação do setor financeiro. Talita Colombo e Leandro Santos destacaram que as plataformas digitais, como a XP Investimentos, facilitaram o acesso dos investidores a uma gama mais ampla de produtos financeiros, o que democratizou o mercado de capitais.

Guilherme Gomes contribuiu para essa discussão ressaltando que a digitalização foi essencial para a expansão de seu escritório. Ele explicou que, sem as ferramentas digitais, o volume de investidores pessoa física que sua empresa atende não seria possível. Contudo, Gomes também enfatizou que, apesar das vantagens da digitalização, o contato humano e o relacionamento personalizado continuam sendo fundamentais para fidelizar os clientes e garantir que eles se sintam acompanhados em suas decisões financeiras. A tecnologia, para ele, é uma ferramenta de suporte, mas não substitui o papel do assessor na construção de confiança.

O que surpreendeu nas entrevistas foi a ênfase colocada por Karen Varro e Eduardo Brandão sobre os desafios que a digitalização trouxe. Ambos mencionaram que, embora a tecnologia tenha facilitado o acesso e a gestão das carteiras, ela também criou expectativas mais elevadas por parte dos clientes. Brandão, em particular, destacou que a digitalização aumentou a competitividade e a necessidade de respostas rápidas e precisas, o que exige uma adaptação constante por parte dos assessores que trabalham em áreas voláteis, como a renda variável.

Leandro Santos reforçou a ideia de que, mesmo com o avanço da digitalização, o relacionamento humano continua sendo um diferencial no setor de assessoria. Ele mencionou que a tecnologia trouxe ferramentas valiosas, mas o cliente ainda busca uma relação de confiança com o assessor, algo que não pode ser substituído por algoritmos ou automatizações.

## 4.3 Crescimento do número de pessoas físicas no mercado financeiro

O crescimento do número de investidores pessoa física no mercado financeiro foi um tema abordado com entusiasmo por todos os entrevistados. Talita Colombo e José Ferraz explicaram que esse crescimento foi impulsionado, principalmente, pela maior facilidade de acesso às plataformas digitais, que simplificaram o processo de investimento. Guilherme Gomes concordou com essa análise, destacando que a expansão da base de investidores foi um dos principais fatores que motivou a criação da 1 Time Invest, escritório onde trabalhamos. Segundo ele, muitos investidores pessoa física ainda estão dando seus primeiros passos no mercado e precisam de orientação profissional para tomar decisões informadas.

Gomes ressaltou que muitos desses novos investidores têm pouca experiência e buscam suporte para compreender o mercado e os produtos em que estão investindo. Ele vê essa

demanda como uma oportunidade para os assessores fortalecerem suas relações com os clientes, oferecendo não apenas recomendações de produtos, mas também educação financeira, algo que também foi destacado por Karen Varro. Varro observou que, apesar do crescimento do número de investidores, muitos ainda não compreendem plenamente os riscos envolvidos, especialmente em ativos de maior volatilidade, como ações.

Eduardo Brandão, por sua vez, acrescentou que a maior quantidade de investidores pessoa física no mercado trouxe novos desafios, especialmente em termos de expectativas. Ele observou que, com o aumento da informação disponível, os clientes estão mais exigentes e esperam respostas rápidas e uma gestão proativa de suas carteiras. Essa mudança no comportamento dos clientes era algo que eu havia previsto, mas sua intensidade e rapidez superaram minhas expectativas iniciais.

#### 4.4 *ESG* e criptomoedas: tendências emergentes

As tendências emergentes, como os investimentos em ativos relacionados a *ESG* (sigla em inglês para Environmental, Social, and Governance, que se refere a critérios ambientais, sociais e de governança corporativa), também foram amplamente discutidas pelos entrevistados. Esses investimentos abrangem ações, fundos e títulos de empresas que seguem boas práticas em áreas como sustentabilidade ambiental, inclusão social e governança ética. Talita Colombo e Leandro Santos observaram que os ativos *ESG* têm atraído um número crescente de investidores, especialmente aqueles preocupados em alinhar suas carteiras com valores pessoais e com empresas que adotam práticas responsáveis. Guilherme Gomes compartilhou dessa visão, afirmando que o *ESG* está se tornando uma parte essencial das estratégias de longo prazo adotadas por muitos investidores em seu escritório. Ele destacou que investir em ativos *ESG* representa uma oportunidade de oferecer produtos que gerem retorno financeiro e, ao mesmo tempo, estejam alinhados aos valores e objetivos sociais e ambientais dos clientes.

No entanto, as criptomoedas foram tratadas com mais cautela pelos entrevistados. Leandro Santos e Karen Varro mencionaram os riscos associados à alta volatilidade e à falta de regulamentação clara. Guilherme Gomes também adotou uma postura prudente em relação às criptomoedas, explicando que, embora reconheça o potencial desse mercado, ele prefere manter uma abordagem conservadora ao recomendá-las para seus clientes. Gomes destacou que as criptomoedas podem ter um papel dentro de portfólios bem diversificados, mas não são adequadas para todos os perfis de investidor, especialmente aqueles que não toleram grandes flutuações de mercado.

Essa prudência nas entrevistas reforçou minha hipótese inicial de que, apesar do crescente interesse nas criptomoedas, o mercado ainda é visto com cautela por muitos assessores, que preferem adotar uma abordagem mais conservadora ao lidar com esses ativos voláteis.

#### 4.5 O desafio da diversificação e gestão de ativos

A diversificação de portfólios foi outro tema relevante abordado nas entrevistas. Leandro Santos e José Ferraz destacaram a importância da diversificação como uma ferramenta fundamental para mitigar riscos não sistemáticos. Ferraz explicou que, embora a diversificação reduza os riscos específicos de ativos, o risco sistêmico, que afeta todo o mercado, não pode ser eliminado com essa estratégia.

Guilherme Gomes também reforçou a importância da diversificação, mas acrescentou que é necessário personalizar as carteiras de acordo com o perfil e os objetivos de cada cliente. Para ele, não basta apenas diversificar, é preciso entender o nível de risco que o cliente está disposto a correr e ajustar a alocação de ativos conforme suas metas financeiras. Ele mencionou que, em seu escritório, a diversificação é tratada de forma estratégica, sempre levando em conta o horizonte de investimento e o perfil de cada cliente.

Eduardo Brandão apresentou uma visão mais arrojada, sugerindo que, para alguns clientes, a diversificação excessiva pode diluir tanto os riscos quanto os retornos. Ele defendeu que, em determinados casos, concentrar parte da carteira em ativos de maior risco pode ser uma estratégia mais eficiente para gerar retornos elevados, desde que o cliente esteja ciente dos riscos envolvidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente trabalho buscou investigar as transformações recentes no setor de assessoria de investimentos, analisando como as tendências emergentes têm impactado a gestão financeira e o papel dos profissionais dessa área no século XXI. Partindo de uma abordagem teórica e prática, a pesquisa consolidou uma visão abrangente sobre os desafios e as oportunidades que moldam o mercado financeiro atual.

Os resultados demonstraram que a digitalização dos serviços financeiros, a incorporação de critérios *ESG* nas decisões de investimento e a popularização de ativos como as criptomoedas são fatores determinantes para a evolução do setor. Esses elementos não apenas ampliaram o acesso aos serviços financeiros, como também elevaram as expectativas dos investidores em relação à personalização e transparência no atendimento.

Adicionalmente, a análise das entrevistas revelou que o papel do assessor de investimentos passou por uma transformação significativa, deixando de ser apenas um intermediário na venda de produtos financeiros para assumir uma função consultiva e estratégica. Esse profissional, agora, é visto como um aliado na construção de portfólios personalizados, orientados por objetivos de longo prazo e alinhados aos valores individuais dos clientes.

O estudo também evidenciou que a diversificação de portfólios, embora continue sendo uma estratégia central para a mitigação de riscos, enfrenta desafios adicionais em um mercado cada vez mais dinâmico e globalizado. A necessidade de adaptação às demandas por sustentabilidade, inovação tecnológica e educação financeira dos clientes exige que os assessores se mantenham atualizados e preparados para oferecer soluções integradas e de alto valor agregado.

No campo acadêmico, este trabalho contribui ao integrar conceitos como economia comportamental, digitalização e práticas *ESG* à realidade prática da assessoria de investimentos. A pesquisa também reforça a relevância de entender as mudanças no comportamento dos investidores e as exigências regulatórias como fatores essenciais para a construção de estratégias competitivas.

Como limitações, destaca-se a necessidade de maior aprofundamento em análises quantitativas e estudos comparativos entre diferentes mercados. Pesquisas futuras podem explorar, por exemplo, o impacto de novas regulamentações sobre o setor ou a influência de tecnologias emergentes, como inteligência artificial e *blockchain*, no comportamento dos investidores.

Por fim, espera-se que este trabalho sirva como uma fonte de *insights* para profissionais e gestores do mercado financeiro, bem como para acadêmicos interessados em compreender as transformações em curso. Conclui-se que o futuro da assessoria de investimentos está diretamente ligado à capacidade dos profissionais de se adaptarem às mudanças tecnológicas, econômicas e sociais, enquanto mantêm o foco na construção de relações de confiança e na entrega de resultados consistentes aos seus clientes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R. A Revolução do Big Data no Setor Financeiro. *Revista de Finanças Digitais*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 45-67, 2019.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Relatório de Economia Bancária 2021. Brasília: Banco Central do Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- CAMPOS, T. Inteligência Artificial e Automação no Atendimento ao Cliente. *Revista de Gestão Financeira*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 67-84, 2020.
- CAMPOS, T. O Crescimento das Gestoras de Recursos no Brasil. *Revista de Economia e Finanças*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 78-95, 2020.
- CARVALHO, J. Anomalias de Mercado: Uma Revisão da Literatura. *Revista de Finanças Aplicadas*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 67-82, 2021.
- CVM. História das gestoras independentes. 2024. Disponível em: <https://www.cvm.gov.br/>.
- ECCLES, R. G.; IOANNOU, I.; SERAFEIM, G. The impact of corporate sustainability on organizational processes and performance. *Management Science*, v. 60, n. 11, p. 2835-2857, 2014.
- FAMA, E. F. Mercados de Capitais Eficientes: Uma Revisão da Teoria e do Trabalho Empírico. *Revista de Finanças*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 383-417, 1970.
- FERNANDES, M. Criptomoedas: Volatilidade e Impactos Regulatórios. *Revista Brasileira de Finanças Digitais*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 67-82, 2018.
- FERNANDES, M. Teoria Moderna de Portfólio e Risco Sistêmico. *Revista Brasileira de Finanças Aplicadas*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 89-104, 2018.
- FERREIRA, J. O Impacto do Beta na Construção de Portfólios. *Jornal de Economia e Gestão*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 67-83, 2020.
- FERREIRA, J. Viés de Confirmação e Tomada de Decisão. *Revista Brasileira de Psicologia Econômica*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 101-115, 2018.
- FERREIRA, L. As Assets e o Mercado de Capitais Brasileiro. *Revista Brasileira de Finanças*, Brasília, v. 28, n. 1, p. 45-62, 2020.
- FERREIRA, L. As Fintechs e a Disrupção no Sistema Bancário Tradicional. *Revista Brasileira de Finanças*, Brasília, v. 28, n. 1, p. 23-45, 2021.
- FERREIRA, R. A Linha do Mercado de Capitais e o CAPM. *Jornal de Economia e Gestão*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 67-79, 2017.
- GONÇALVES, A. O Uso de Chatbots e IA no Atendimento ao Cliente. *Revista de Inovação Financeira*, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 89-104, 2020.
- GONÇALVES, A. Pânicos de Mercado: Causas e Consequências. *Revista de Finanças e Economia*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 65-78, 2018.
- KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Teoria da Perspectiva: Uma Análise de Decisão sob Risco. *Econometrica*, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 263-291, 1979.
- LOPES, M. Informações Públicas e Eficiência de Mercado. *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 87-99, 2019.

- MARTINS, A. O Efeito Janeiro no Mercado de Ações Brasileiro. *Jornal de Economia e Finanças*, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 45-56, 2020.
- MARTINS, A. Riscos e Desafios do Greenwashing no Mercado Financeiro. *Revista Brasileira de Finanças*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 45-67, 2019.
- PINHEIRO, L. Bolhas Especulativas: Uma Análise Histórica. *Jornal de Economia e Finanças*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 120-136, 2019.
- PINHEIRO, L. Evolução dos investimentos sustentáveis no Brasil. *Revista Brasileira de Finanças*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 89-104, 2020.
- ROCHA, F. Blockchain e Segurança nas Transações. *Revista de Direito Digital*, Brasília, v. 8, n. 1, p. 67-80, 2019.
- SANTOS, L. Estratégias de Diversificação em Mercados Emergentes. *Revista de Finanças Globais*, Brasília, v. 12, n. 3, p. 45-59, 2021.
- SANTOS, M. A Evolução do Sistema Financeiro Brasileiro. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 102-119, 2020.
- SANTOS, M. Critérios ambientais e o mercado financeiro. *Revista de Economia Verde*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 45-59, 2021.
- SHILLER, R. J. Da Teoria dos Mercados Eficientes à Finança Comportamental. *Revista de Perspectivas Econômicas*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 83-104, 2003.
- SHILLER, R. J. *Exuberância Irracional*. São Paulo: Editora Saraiva, 2000.
- SILVA, A. Diversificação e Riscos em Portfólios. *Revista de Estudos Econômicos*, Salvador, v. 16, n. 1, p. 67-78, 2019.
- SILVA, R. A Evolução dos Bancos Digitais no Brasil. *Jornal de Economia e Finanças*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 33-48, 2021.
- SILVA, R. O Crescimento das Assets no Brasil e sua Importância para o Mercado de Capitais. *Jornal de Finanças Aplicadas*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 34-51, 2021.
- SILVA, T. Mineração de Criptomoedas e o Impacto Ambiental. *Revista de Economia Sustentável*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 45-59, 2020.
- TAVARES, A. O Impacto do Viés de Ancoragem no Mercado Financeiro. *Revista de Administração e Negócios*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 78-92, 2019.
- XP INVESTIMENTOS. História da empresa e atuação no mercado. Disponível em: <https://www.xpi.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

## **ANEXO I: Perguntas Base Para as Entrevista**

### **• Sobre o Papel do Assessor de Investimentos:**

- Como você descreveria o papel do assessor de investimentos no mercado atual? Quais mudanças mais significativas ocorreram nos últimos anos?
- Na sua opinião, quais são as principais competências que um assessor de investimentos deve ter para se destacar no mercado?

### **• Crescimento do Número de Pessoas Físicas entrando no Mercado:**

- Nos últimos anos, vimos um aumento expressivo de pessoas físicas no mercado financeiro. O que você acha que impulsionou esse crescimento?
- Quais são os desafios e oportunidades de trabalhar com investidores pessoa física em um cenário cada vez mais competitivo e digitalizado?

### **• Evolução e Impacto da Digitalização no Setor:**

- De que maneira a digitalização e o surgimento das plataformas digitais, como a XP Investimentos, têm impactado o trabalho do assessor?
- Você acredita que a tecnologia (como inteligência artificial e *big data*) está mudando a forma como o assessor interage com seus clientes? Quais são os impactos mais evidentes?

### **• Gestão de Ativos e Diversificação:**

- Como você avalia o papel das gestoras independentes (*assets*) no mercado financeiro brasileiro? Elas trouxeram maior diversidade de produtos para os clientes?
- Quais estratégias de diversificação você considera mais eficazes para assessores de investimentos ao lidar com diferentes perfis de clientes?

### **• Tendências Emergentes no Setor:**

- Na sua opinião, de que maneira as tendências como *ESG*, criptomoedas e investimentos alternativos irão redefinir o papel do assessor de investimentos? Quais dessas inovações você acredita que exigem maior adaptação das práticas tradicionais de assessoria financeira?
- Quais estratégias específicas os assessores de investimentos estão adotando para se adaptar às demandas crescentes por produtos sustentáveis, como fundos *ESG*, e por

tecnologias emergentes, como criptomoedas? Você vê algum segmento que ainda não foi plenamente explorado, mas que oferece grande potencial de crescimento?

• **Desafios no Mercado de Assessoria:**

- Na sua opinião, quais são os principais desafios que os assessores de investimentos enfrentam hoje? E como você vê o futuro dessa profissão?
- Quais fatores regulatórios ou econômicos você acredita que mais afetam o dia a dia do assessor de investimentos?

• **Impacto da Educação Financeira:**

- Você considera que o nível de educação financeira do investidor brasileiro aumentou nos últimos anos? Como isso afetou o trabalho do assessor de investimentos?
- O que pode ser feito, na sua visão, para que mais pessoas entendam a importância de uma assessoria de investimentos profissional?

## **ANEXO II : Transcrição das Entrevistas Realizadas**

### **Entrevista 1 José Ferraz, assessor da 1 Time Invest**

José Ferraz, com mais de 10 anos de experiência no mercado financeiro e atualmente responsável por uma carteira de R\$ 45 milhões, compartilha sua visão sobre a evolução do papel do assessor de investimentos e as tendências emergentes no setor.

Ferraz iniciou explicando como o papel do assessor de investimentos mudou ao longo da última década. Ele destacou que, no início de sua carreira, o trabalho do assessor era mais focado em vendas de produtos financeiros tradicionais, como títulos de renda fixa e fundos de investimentos básicos, oferecidos majoritariamente pelos grandes bancos. No entanto, com a digitalização e o surgimento de plataformas independentes como a XP Investimentos, o assessor se tornou um consultor estratégico, cuja responsabilidade principal é entender profundamente o perfil do cliente e construir estratégias de investimento personalizadas.

Segundo José, um dos maiores impulsionadores do crescimento das pessoas físicas no mercado financeiro foi a queda da taxa de juros, que obrigou os investidores a buscarem alternativas mais rentáveis. Ele acredita que a popularização do mercado de capitais também foi amplamente impulsionada pela facilidade trazida pelas plataformas digitais, que abriram o acesso a produtos financeiros antes restritos a grandes investidores. Para ele, a combinação desses fatores com a crescente educação financeira trouxe um novo público, mais informado e exigente, o que aumentou o desafio para os assessores de oferecerem soluções verdadeiramente personalizadas.

Ele destacou ainda que a digitalização trouxe uma transformação profunda na forma de trabalhar. Ferraz explicou que, ao longo dos anos, o uso de tecnologia tornou o trabalho do assessor mais ágil e eficiente, permitindo que ele tenha acesso em tempo real a uma vasta gama de dados e ferramentas de análise. O surgimento de inovações como o PIX e o *open banking* também ajudaram a criar um ambiente financeiro mais dinâmico e competitivo, oferecendo mais transparência e reduzindo os custos das transações. No entanto, ele também aponta que a tecnologia, apesar de facilitar o trabalho operacional, aumentou a expectativa dos clientes, que esperam respostas rápidas e uma gestão mais proativa de suas carteiras.

Sobre as *assets* independentes, José ressalta que elas trouxeram um nível de diversidade e inovação que era impensável anos atrás. Ele comentou que, quando começou, a maioria dos produtos disponíveis para os clientes vinha dos grandes bancos, e os assessores tinham pouco

espaço para oferecer algo diferente. Hoje, com a proliferação de assets independentes e novos fundos de investimento, ele pode montar portfólios muito mais personalizados, aproveitando oportunidades em nichos específicos, como fundos *ESG* ou criptoativos. Ele acredita que essa diversificação é um dos fatores que contribuiu para o crescimento das pessoas físicas no mercado de investimentos.

Em relação ao futuro, Ferraz acredita que o setor de assessoria de investimentos enfrentará desafios complexos, especialmente com a crescente volatilidade nos mercados globais e as rápidas mudanças regulatórias. No entanto, ele também vê oportunidades imensas para assessores que consigam se adaptar a essas mudanças e oferecer um serviço verdadeiramente consultivo. Ele destaca que a educação financeira continuará sendo um ponto central no trabalho dos assessores, já que, apesar de o público estar mais informado, ainda existe uma lacuna significativa no entendimento de temas mais complexos, como a diversificação de portfólios e a gestão de risco.

José finalizou a entrevista refletindo sobre a importância de continuar investindo em sua própria educação e desenvolvimento, dado que o mercado está em constante mudança. Ele acredita que, assim como os clientes exigem cada vez mais, os assessores precisam se manter atualizados e preparados para lidar com um ambiente financeiro mais dinâmico, competitivo e globalizado.

## Entrevista 2 Talita Colombo, assessor da 1 Time Invest

Talita Colombo começou sua carreira como dentista, mas migrou para o mercado financeiro em 2021. Atualmente, ela gerencia uma carteira de R\$ 108 milhões e utiliza amplamente seu relacionamento pessoal para captar novos clientes.

Talita iniciou a entrevista falando sobre a sua transição de carreira e como foi o processo de adaptação ao mercado financeiro. "Eu sabia que a mudança de uma área como a odontologia para o mercado financeiro seria desafiadora, mas o que me motivou foi o desejo de ajudar as pessoas a organizarem suas finanças e a investirem de maneira mais eficiente. No começo, precisei estudar muito, entender como funcionava o mercado, os produtos e, principalmente, como eu poderia aplicar meus conhecimentos de relacionamento para captar e fidelizar clientes."

Quando questionada sobre as mudanças no papel do assessor de investimentos, Talita explicou que o assessor de hoje precisa ter um papel muito mais estratégico. "Nos últimos anos, o assessor deixou de ser apenas alguém que vende produtos financeiros e se tornou um consultor.

O cliente agora espera mais do que apenas uma recomendação de investimento; ele quer que o assessor entenda seus objetivos pessoais, sua tolerância ao risco e ofereça soluções personalizadas. Essa mudança veio junto com o avanço das plataformas digitais, como a XP, que deram mais autonomia e informação ao cliente. Isso elevou as expectativas em relação ao nosso trabalho", destacou ela.

Sobre o aumento significativo de investidores pessoa física no mercado financeiro, Talita acredita que vários fatores contribuíram para esse crescimento. "A queda dos juros foi um dos grandes motivadores. Com a Selic baixa, as pessoas perceberam que precisariam buscar alternativas além da poupança para garantir bons rendimentos. Outro fator importante foi a facilidade de acesso a produtos de investimento por meio de plataformas digitais, que democratizaram o mercado. Além disso, a educação financeira tem melhorado, e isso tem feito com que mais pessoas sintam-se confortáveis para investir", explicou ela.

Quanto aos desafios de trabalhar com esse público, Talita mencionou que a personalização é essencial. "O público de pessoa física é muito diversificado, desde investidores conservadores até aqueles que estão dispostos a correr mais riscos. O desafio está em entender cada perfil e oferecer soluções que façam sentido para cada cliente. Ao mesmo tempo, o ambiente digital aumentou a competitividade. Hoje, o cliente tem muitas opções à disposição, então precisamos criar um diferencial no atendimento e na qualidade das recomendações", comentou.

A digitalização também foi um ponto abordado durante a entrevista. Talita destacou que a tecnologia facilitou muito o trabalho do assessor. "Hoje, temos acesso a ferramentas que nos permitem monitorar a carteira dos clientes em tempo real, fazer ajustes rápidos e recomendar novos produtos com mais agilidade. A automação de processos, como a análise de dados e a comparação de fundos, tornou nosso trabalho mais eficiente. Porém, isso também aumentou as expectativas dos clientes, que agora esperam respostas imediatas e um acompanhamento constante", disse ela.

Sobre o impacto de tecnologias como inteligência artificial e *big data*, Talita afirmou que essas ferramentas estão começando a mudar a forma como o assessor interage com os clientes. "Essas tecnologias nos ajudam a analisar um volume muito maior de dados em menos tempo, o que torna nossas recomendações mais precisas e personalizadas. No entanto, apesar de todo esse avanço, eu ainda acredito que o relacionamento humano é insubstituível. As decisões financeiras, muitas vezes, envolvem questões emocionais, e é aí que o papel do assessor se torna crucial. Precisamos estar presentes para orientar e tranquilizar os clientes quando o mercado se torna mais

volátil", explicou.

Quando perguntada sobre o papel das *assets* independentes no mercado brasileiro, Talita ressaltou a importância dessas gestoras para a diversificação dos portfólios. "As *assets* independentes trouxeram uma diversidade de produtos muito maior para os investidores. Hoje, posso oferecer aos meus clientes fundos temáticos, como *ESG*, ou até mesmo produtos voltados para criptomoedas e investimentos alternativos. Isso possibilita que eu monte estratégias de diversificação mais robustas, ajustadas ao perfil de cada cliente", comentou ela.

Sobre as tendências emergentes, como *ESG* e criptomoedas, Talita foi clara ao afirmar que essas inovações estão mudando a forma como os assessores atuam. "O investimento com foco em *ESG* está crescendo muito, especialmente entre os clientes mais jovens, que estão preocupados com o impacto ambiental e social de suas decisões. Já as criptomoedas são uma tendência que, apesar da volatilidade, veio para ficar. O desafio para nós, assessores, é educar o cliente sobre os riscos e sobre como esses ativos podem ser integrados de forma equilibrada no portfólio", explicou ela.

Ao falar sobre os desafios enfrentados pelos assessores de investimentos, Talita destacou a necessidade de estar sempre atualizada com as novas regulações e tendências do mercado. "O mercado financeiro está em constante mudança, e com ele vêm novas regulamentações que impactam diretamente o nosso trabalho. Além disso, o aumento da concorrência e o surgimento de novas plataformas digitais fazem com que o cliente esteja sempre comparando serviços. Por isso, precisamos estar sempre nos reinventando para oferecer um serviço que se destaque", comentou.

Talita também acredita que a educação financeira dos brasileiros melhorou nos últimos anos, mas que ainda há muito a ser feito. "As pessoas estão mais conscientes sobre a importância de investir, mas ainda há uma grande lacuna em termos de conhecimento sobre diversificação, risco e planejamento de longo prazo. Cabe a nós, assessores, não só gerir os investimentos dos clientes, mas também educá-los para que eles se sintam mais seguros em suas decisões financeiras", concluiu.

Entrevista 3 com Leandro Santos, Head Comercial 1Time Invest

Leandro Santos tem uma vasta experiência de 25 anos no mercado financeiro. Ele começou sua carreira aos 18 anos de idade e passou por instituições renomadas como Santander

e Safra, onde acumulou conhecimento prático sobre o setor bancário e de investimentos. Atualmente, Leandro atua como head comercial de um escritório de investimentos, onde aplica toda a sua experiência na gestão e desenvolvimento da equipe comercial.

Leandro iniciou a entrevista compartilhando sua visão sobre como o papel do assessor de investimentos evoluiu ao longo de sua carreira. “Quando comecei, o assessor tinha um papel muito mais transacional. A principal função era vender produtos, principalmente oferecidos pelos grandes bancos, sem muita personalização. Hoje, o cenário é outro. O assessor precisa ser um consultor estratégico, entender o perfil do cliente e oferecer soluções adequadas às suas metas de vida. Essa mudança foi acelerada com o surgimento das plataformas digitais e pela maior acessibilidade a produtos financeiros mais diversificados”, comentou ele.

Quando perguntado sobre o crescimento significativo dos investidores pessoa física no mercado financeiro, Leandro foi enfático ao afirmar que esse fenômeno foi impulsionado por várias forças. “Acredito que a combinação de fatores macroeconômicos, como a queda da Selic, e a democratização do acesso aos produtos financeiros via plataformas digitais, como a XP, foram os principais responsáveis por essa expansão. Antes, investir em ações e fundos mais complexos era algo restrito a grandes investidores. Hoje, com poucos cliques, qualquer pessoa consegue diversificar sua carteira. Além disso, o aumento da educação financeira, embora ainda em evolução, tem feito com que mais brasileiros se sintam à vontade para investir”, explicou Leandro.

Ele também destacou que o cenário mais competitivo trouxe desafios para o trabalho dos assessores. “O cliente de hoje é muito mais informado e exigente. Ele tem acesso a uma infinidade de informações e produtos, o que nos força a oferecer um serviço realmente diferenciado. A personalização e o acompanhamento constante são essenciais para garantir a confiança do cliente. Isso exige que o assessor seja muito mais preparado tecnicamente, além de ter habilidades interpessoais bem desenvolvidas”, acrescentou.

Ao abordar a questão da digitalização, Leandro comentou como as plataformas digitais, como a XP Investimentos, transformaram o mercado. “As plataformas digitais revolucionaram o setor. Elas não apenas democratizaram o acesso a produtos financeiros, mas também aumentaram a eficiência do trabalho dos assessores. Hoje, temos acesso a uma enorme quantidade de dados em tempo real, o que nos permite ajustar as estratégias de investimento de maneira rápida e precisa. No entanto, a digitalização também trouxe o desafio de manter o relacionamento pessoal com o cliente, que muitas vezes sente falta de uma abordagem mais humana em meio à automação”, explicou ele.

Quando questionado sobre o impacto da inteligência artificial e do *big data* no mercado financeiro, Leandro destacou que essas tecnologias trouxeram grandes benefícios para a análise e gestão de carteiras, mas que o papel humano ainda é indispensável. "As ferramentas de IA e *big data* nos permitem identificar padrões e prever tendências com muito mais precisão, o que ajuda nas recomendações que fazemos aos clientes. Porém, mesmo com toda essa tecnologia, o papel do assessor em entender as nuances e particularidades de cada cliente ainda é insubstituível. A tecnologia nos ajuda, mas não pode substituir a capacidade de compreender o emocional e o contexto de cada investidor", afirmou.

Sobre o papel das *assets independentes* no mercado financeiro, Leandro acredita que elas trouxeram um novo nível de sofisticação e diversidade ao mercado. "As *assets independentes* têm sido fundamentais para a diversificação de produtos no mercado brasileiro. Antigamente, os grandes bancos monopolizavam a oferta de fundos de investimento. Hoje, temos uma gama muito maior de produtos, de diferentes gestoras, que nos permite montar portfólios muito mais diversificados e personalizados. Isso beneficia tanto o cliente conservador, que busca estabilidade, quanto o arrojado, que está disposto a investir em ativos mais arriscados como criptomoedas ou fundos temáticos", explicou.

Sobre as tendências emergentes, como *ESG* e criptomoedas, Leandro acredita que elas estão mudando o papel do assessor de investimentos, exigindo mais conhecimento e especialização. "Investimentos *ESG* estão cada vez mais populares, principalmente entre investidores que buscam retorno financeiro alinhado com causas sociais e ambientais. Isso exige que o assessor tenha uma compreensão profunda desses produtos e consiga comunicar seu valor ao cliente. Já as criptomoedas, embora atraíam muito interesse, ainda apresentam muitos desafios, especialmente no que diz respeito à regulamentação e volatilidade. O assessor precisa estar preparado para educar o cliente sobre os riscos e as oportunidades desses novos ativos", destacou.

Leandro também falou sobre os desafios que os assessores enfrentam atualmente. "O mercado de assessoria de investimentos está cada vez mais competitivo. Além de lidar com a volatilidade dos mercados globais e as mudanças regulatórias, o assessor precisa se diferenciar pelo serviço que oferece. Isso significa estar sempre atualizado, acompanhar as tendências e, principalmente, garantir que o cliente sinta que está sendo bem assessorado, com uma abordagem personalizada", afirmou.

Ao falar sobre o impacto da educação financeira no Brasil, Leandro mencionou que, embora haja avanços, ainda há muito a ser feito. "Nos últimos anos, vimos um aumento

considerável no interesse das pessoas em aprender sobre finanças. Isso é positivo, pois torna o cliente mais consciente e participativo nas decisões de investimento. No entanto, ainda existe um longo caminho a percorrer. Muitos ainda não entendem a importância da diversificação ou têm dificuldade em lidar com as oscilações de mercado. Cabe a nós, assessores, continuar educando nossos clientes e mostrando a importância de uma boa gestão financeira no longo prazo", concluiu.

#### Entrevista 4 com Eduardo Brandão, Operador de Renda Variável

Eduardo Brandão tem 12 anos de experiência no mercado financeiro e seguiu os passos do pai, que trabalhou por muitos anos no setor. Atualmente, Eduardo é o principal *broker* da mesa de renda variável da 1 Time Invest, onde desempenha um papel central na operação de ativos de alto risco e alta volatilidade.

Eduardo começou a entrevista falando sobre como a paixão pelo mercado financeiro sempre fez parte de sua vida. "Desde pequeno, ouvia meu pai falando sobre a bolsa, ações e investimentos. Acabei me interessando cedo e logo percebi que era um ambiente dinâmico, onde cada dia traz algo novo. Essa imprevisibilidade do mercado foi o que me atraiu para a área de renda variável, onde a volatilidade e o risco fazem parte do jogo."

Quando questionado sobre o crescimento do número de investidores pessoa física no mercado, Eduardo foi direto: "Acho que é algo natural. Com a queda dos juros, era inevitável que as pessoas buscassem alternativas mais rentáveis. A renda fixa já não entrega os mesmos retornos de antes, e muitos investidores perceberam que, para ganhar mais, é preciso correr mais riscos. A educação financeira ainda está em evolução, mas o acesso facilitado às plataformas digitais permitiu que o pequeno investidor tivesse as mesmas oportunidades que antes eram exclusivas de grandes players. Isso democratizou o mercado de capitais."

Para ele, esse movimento representa uma grande oportunidade para os assessores e operadores. "O investidor pessoa física está cada vez mais disposto a assumir riscos. Para nós, operadores de renda variável, isso é ótimo. Podemos mostrar que, com a estratégia certa, mesmo em mercados voláteis, é possível ter ganhos expressivos. O grande desafio está em equilibrar o apetite ao risco do cliente com a prudência necessária para não expor o patrimônio de forma irresponsável."

Sobre o impacto da digitalização no mercado financeiro, Eduardo foi enfático ao dizer que

as plataformas digitais revolucionaram a forma como os investimentos são feitos. “Hoje, qualquer pessoa com um smartphone tem acesso à bolsa de valores e pode negociar ativos em tempo real. Isso trouxe um dinamismo enorme para o mercado, e como operadores, precisamos estar preparados para atuar em um ambiente muito mais rápido e competitivo. A velocidade de execução é crucial.”

Ele destacou que o uso de tecnologias, como *big data* e inteligência artificial, tem mudado o jogo. “Os algoritmos são capazes de analisar uma quantidade massiva de informações em tempo real, identificando padrões que nós, humanos, dificilmente notaríamos com a mesma rapidez. Isso permite ajustes rápidos nas carteiras e uma resposta quase imediata a eventos de mercado. Claro, esses dados não substituem a intuição e a experiência, mas certamente melhoram nossa capacidade de tomada de decisão”, explicou Eduardo.

Eduardo, sendo um operador de renda variável, tem uma visão mais ousada sobre a gestão de ativos e diversificação. “Eu sempre acredito que uma boa dose de risco pode ser saudável para o portfólio, desde que bem controlado. Muitas vezes, vejo investidores com carteiras excessivamente diversificadas, o que acaba diluindo tanto os retornos quanto os riscos. Para mim, é mais importante ter uma carteira concentrada em ativos que você conhece bem e com os quais tem uma convicção forte. A diversificação é necessária, claro, mas concentrar uma parte em ativos de maior risco pode gerar resultados bem melhores.”

Ele comentou ainda que as *assets* independentes trouxeram uma gama muito maior de opções para os investidores. “Hoje temos acesso a fundos de nicho, como aqueles focados em *ESG*, *private equity*, e até criptomoedas, que antes não estavam disponíveis para o investidor comum. Essa diversidade de produtos nos permite montar estratégias mais arrojadas e adequadas ao perfil de quem quer se expor mais ao risco”, destacou.

Quando perguntado sobre as tendências emergentes, Eduardo demonstrou grande entusiasmo. “As criptomoedas são um dos mercados mais interessantes que temos hoje. A volatilidade é altíssima, mas as oportunidades de ganho também são. É claro que precisamos ter cuidado e saber dosar essa exposição, mas para investidores que têm um apetite ao risco maior, é um segmento que não pode ser ignorado. O mesmo vale para investimentos *ESG*. Não é apenas uma moda; está se tornando parte das estratégias de longo prazo dos grandes fundos e *assets*, o que significa que as empresas que seguem essas práticas estão cada vez mais sendo valorizadas”, disse ele.

Sobre os desafios enfrentados no mercado de assessoria, Eduardo enfatizou a necessidade de se adaptar ao ritmo acelerado do mercado. “Os mercados estão mudando rápido, e o que funciona hoje pode não funcionar amanhã. O grande desafio é estar sempre um passo à frente, seja em termos de tecnologia, seja em termos de conhecimento dos novos produtos que estão surgindo. A volatilidade, que muitos veem como um problema, eu vejo como uma oportunidade. O importante é ter controle e saber quando arriscar.”

Por fim, Eduardo abordou a questão da educação financeira no Brasil. “Melhoramos muito nos últimos anos, mas ainda há um longo caminho a percorrer. Muitos investidores ainda têm medo de se expor à renda variável ou a ativos de maior risco, e isso acontece por falta de conhecimento. Cabe a nós, operadores e assessores, mostrar que, com uma boa estratégia e acompanhamento, o risco pode ser gerenciado. A volatilidade não é inimiga; ela é uma aliada para quem sabe aproveitá-la”, concluiu.

Entrevista 5 com Karen Varro, Assessora de Investimentos 1 Time Invest.

Karen Varro entrou no mercado financeiro há oito anos e, desde então, se consolidou como uma das principais assessoras de investimentos de sua equipe. Com uma carreira marcada pela dedicação ao cliente e pelo entendimento profundo das necessidades individuais de cada investidor, Karen se destaca por sua capacidade de construir relacionamentos sólidos e oferecer um atendimento personalizado.

Karen começou a entrevista refletindo sobre como o papel do assessor de investimentos mudou nos últimos anos. “Quando comecei, o foco ainda era muito nos produtos oferecidos pelos grandes bancos. O assessor era, em grande parte, um intermediário entre o cliente e as instituições financeiras. Hoje, com o surgimento das plataformas digitais e o acesso facilitado a uma infinidade de produtos financeiros, o papel do assessor mudou completamente. Agora, nossa função principal é ser consultores, ajudando os clientes a navegar em um mercado cada vez mais complexo e dinâmico, oferecendo estratégias de investimento que realmente façam sentido para cada perfil de cliente.”

Quando questionada sobre o aumento expressivo de investidores pessoa física no mercado financeiro, Karen mencionou que esse crescimento reflete uma mudança no comportamento dos brasileiros. “Acredito que a busca por melhores oportunidades de investimento, junto com o acesso à informação, foi um grande impulsionador. Antes, o mercado financeiro era algo distante para muitos. Hoje, temos muito mais acesso a conteúdos educacionais e às plataformas que

tornaram os investimentos mais acessíveis. Isso deu ao investidor pessoa física uma chance de participar ativamente do mercado de capitais, algo que antes era mais restrito a grandes investidores ou aqueles com maior conhecimento.”

Karen também falou sobre os desafios que esse público traz. “Um dos principais desafios é o nível de informação disponível. Embora haja muito mais acesso a conteúdo sobre investimentos, muitas vezes os novos investidores chegam com expectativas fora da realidade, ou com uma compreensão limitada dos riscos envolvidos. Nosso papel é educar e ajustar essas expectativas, além de proporcionar um atendimento personalizado que traga confiança e segurança para quem está começando.”

A digitalização tem sido uma grande aliada no trabalho de Karen, mas ela também destacou os desafios que vieram com essa transformação. “A tecnologia facilitou muito o trabalho, tanto no acompanhamento dos investimentos quanto na comunicação com o cliente. Hoje, podemos monitorar o mercado em tempo real e reagir rapidamente a qualquer mudança, o que traz mais eficiência ao nosso trabalho. Porém, a digitalização também aumentou a competição e a expectativa dos clientes. Muitos esperam respostas imediatas e, às vezes, não entendem que o mercado demanda tempo e paciência.”

Ela também comentou sobre o impacto da inteligência artificial e do *big data* no trabalho do assessor de investimentos. “Essas tecnologias são extremamente úteis para identificar tendências de mercado e oferecer recomendações mais assertivas. Com o *big data*, conseguimos analisar grandes volumes de informações e tomar decisões mais embasadas. Contudo, mesmo com essas ferramentas, o relacionamento humano continua sendo o diferencial. No final, o que importa é entender as necessidades e preocupações de cada cliente, e isso a tecnologia não pode substituir.”

Quando o assunto é a diversificação de portfólios, Karen defende uma abordagem balanceada. “A diversificação é a base de qualquer estratégia de investimento. Para investidores mais conservadores, é essencial ter uma boa parcela da carteira em ativos mais seguros, como renda fixa. Já para os investidores que têm um perfil mais arrojado, gosto de incluir ativos como ações ou fundos de *private equity*. O importante é sempre adequar a carteira ao perfil e aos objetivos de cada cliente, garantindo que eles estejam confortáveis com o nível de risco que estão assumindo.”

Sobre as assets independentes, Karen comentou que elas trouxeram uma diversidade de

produtos que antes não era possível encontrar. “Hoje, podemos montar portfólios muito mais personalizados, com fundos temáticos e estratégias que antes eram exclusivas de grandes investidores. Isso ajuda muito na hora de oferecer soluções que realmente atendem às expectativas dos clientes, e traz mais flexibilidade para adaptarmos as estratégias ao longo do tempo.”

Karen também compartilhou sua visão sobre as tendências emergentes no setor financeiro, como *ESG* e criptomoedas. “O mercado de *ESG* está crescendo muito. Muitos dos meus clientes, especialmente os mais jovens, querem investir em empresas que têm responsabilidade ambiental e social. Eles buscam retornos financeiros, claro, mas querem que esses retornos estejam alinhados aos seus valores. Já as criptomoedas ainda geram um pouco mais de cautela. Embora alguns clientes tenham interesse, é preciso deixar claro que esse é um mercado altamente volátil e, por isso, precisa ser abordado com cuidado e dentro de uma estratégia mais ampla de diversificação.”

Ao ser questionada sobre os desafios no mercado de assessoria, Karen mencionou que o maior deles é lidar com as rápidas mudanças e a necessidade de constante atualização. “O mercado financeiro está em constante evolução, e o assessor precisa estar sempre à frente dessas mudanças. Não podemos nos acomodar. As regulamentações mudam, os produtos evoluem e os clientes estão cada vez mais exigentes. Isso exige que estejamos em um processo contínuo de aprendizado, para garantir que estamos oferecendo o melhor serviço possível.”

Por fim, Karen refletiu sobre o impacto da educação financeira no Brasil. “A educação financeira melhorou muito nos últimos anos, e isso é algo que vejo diretamente no perfil dos meus clientes. Eles estão mais informados e querem entender como funcionam os produtos que estão investindo. Ainda há um caminho a percorrer, principalmente quando se trata de planejamento de longo prazo e gestão de risco, mas o fato de termos mais pessoas interessadas em aprender já é um grande avanço. O papel do assessor, nesse sentido, é complementar essa educação, oferecendo uma orientação clara e precisa.”

Entrevista 6 com Guilherme Gomes, CEO da Investimentos 1 Time Invest.

Guilherme Gomes começou sua carreira no mercado financeiro como assessor de investimentos. Com o passar dos anos, ele se destacou na área e se tornou sócio de um escritório de assessoria de investimentos. Após a decisão dos outros sócios de vender a carteira de clientes para um escritório maior, Guilherme decidiu fundar a 1 Time Invest e criar seu próprio escritório de assessoria de investimentos, onde hoje é o CEO.

Guilherme iniciou a entrevista falando sobre sua trajetória e os desafios que enfrentou ao longo de sua carreira. “Comecei como assessor de investimentos, lidando diretamente com clientes e ajudando-os a construir suas carteiras. Foi uma experiência enriquecedora, porque pude aprender a fundo sobre o perfil de cada investidor e entender que o sucesso nessa profissão está muito além da venda de produtos, está na construção de um relacionamento de confiança. Quando me tornei sócio de um escritório, entendi o outro lado do negócio, o lado da gestão. Mas, quando decidimos vender a carteira para um escritório maior, senti que era o momento de seguir meu próprio caminho e fundar a 1 Time Invest. Queria criar um escritório que realmente refletisse a maneira como eu acredito que a assessoria de investimentos deve ser feita, com foco total no cliente.”

Quando questionado sobre o crescimento do número de investidores pessoa física no mercado, Guilherme comentou que essa mudança foi um divisor de águas para o setor de assessoria de investimentos. “O aumento da participação de investidores pessoa física no mercado de capitais foi muito positivo. Com as plataformas digitais, investir se tornou muito mais acessível. O que antes era algo restrito a um público muito específico, agora está ao alcance de praticamente qualquer pessoa que tenha interesse em aprender. Esse aumento de investidores trouxe mais dinamismo ao mercado e novas oportunidades para os assessores.”

Guilherme também destacou a importância de entender as necessidades desse novo público. “O grande desafio é que, com o crescimento do número de investidores pessoa física, nós, como assessores, precisamos ser ainda mais atentos às particularidades de cada cliente. Eles vêm com diferentes níveis de conhecimento, expectativas e tolerância ao risco, e o nosso papel é orientar, mostrar as opções e, principalmente, educar. Não é só sobre oferecer um produto, mas sobre garantir que o cliente entenda o que está fazendo e por que está investindo.”

Sobre o impacto da digitalização, Guilherme enfatizou que a tecnologia mudou completamente a forma de atuação no mercado. “A digitalização revolucionou o nosso setor. Com as plataformas digitais, conseguimos monitorar o mercado em tempo real, oferecer produtos personalizados e ter acesso a ferramentas de análise que nos permitem tomar decisões muito mais informadas. Ao mesmo tempo, ela trouxe uma grande responsabilidade: a de manter o relacionamento pessoal em um ambiente cada vez mais automatizado.”

Ele também falou sobre o uso de inteligência artificial e big data no escritório. “Na 1 Time Invest, estamos cada vez mais adotando tecnologias como inteligência artificial e *big data*. Elas são fundamentais para nos ajudar a identificar tendências, prever movimentos do mercado e

ajustar as estratégias dos nossos clientes de forma mais precisa e rápida. No entanto, a tecnologia não pode substituir a conexão humana. No fim do dia, o cliente quer saber que há alguém do outro lado que entende suas necessidades e está ali para ajudá-lo a tomar as melhores decisões.”

Quando o assunto é diversificação de carteiras, Guilherme tem uma abordagem pragmática. “Diversificar é fundamental, mas precisa ser feito de forma inteligente. Não adianta simplesmente espalhar os investimentos sem critério. Para alguns perfis de cliente, pode fazer sentido concentrar em determinados setores ou tipos de ativos, enquanto para outros, uma diversificação mais ampla é a melhor estratégia. O importante é entender o objetivo de cada cliente e alinhar isso com a composição da carteira.”

Ele também comentou sobre o papel das *assets* independentes. “As *assets* independentes têm feito um excelente trabalho em trazer produtos inovadores e em abrir espaço para estratégias que antes não eram acessíveis para muitos investidores. Isso nos permite oferecer soluções mais customizadas, o que é essencial para atender diferentes perfis de clientes.”

Sobre as tendências emergentes, como *ESG* e criptomoedas, Guilherme demonstrou otimismo em relação ao futuro desses segmentos. “O *ESG* veio para ficar. Os investidores estão cada vez mais atentos ao impacto social e ambiental das empresas, e isso está mudando a forma como fazemos alocação de recursos. Muitos dos meus clientes têm pedido por produtos que não apenas ofereçam retorno financeiro, mas que também estejam alinhados com seus valores. Já as criptomoedas ainda geram um pouco mais de receio, principalmente devido à alta volatilidade, mas é um mercado que está crescendo rapidamente e que, com o tempo, acredito que será cada vez mais incorporado nas estratégias de investimento.”

Ao falar sobre os desafios do mercado de assessoria, Guilherme destacou o equilíbrio entre inovação e relacionamento. “O maior desafio é equilibrar a inovação tecnológica com a necessidade de manter o atendimento pessoal. A tecnologia facilita nosso trabalho, mas nada substitui o relacionamento de confiança que o assessor constrói com o cliente. Além disso, as mudanças regulatórias e as flutuações do mercado são fatores que também exigem que estejamos constantemente atualizados e preparados para ajustar nossas estratégias.”

Por fim, Guilherme falou sobre a importância da educação financeira no Brasil. “A educação financeira no Brasil tem avançado, mas ainda há um longo caminho pela frente. Muitos investidores ainda não entendem a importância de planejar para o longo prazo ou têm dificuldade em lidar com a volatilidade do mercado. Nosso papel, como assessores, é garantir que eles estejam

bem informados e se sintam seguros para tomar decisões conscientes. Quanto mais educado é o cliente, mais ele participa ativamente da construção de sua própria estratégia de investimentos, e isso é extremamente positivo para todos.”